

APRESENTAÇÃO

Sartre, 120 anos de um legado vivo

Não vi a guerra e ela parece ser imperceptível, apesar disso, vi o mundo da guerra. É simplesmente o mundo militarizado (Jean-Paul-Sartre).

O presente dossiê temático, publicado no segundo número de 2025 da *Philosophos*, celebra os 120 anos do nascimento de Jean-Paul Sartre (1905-1980). Considerado por muitos como um pilar da intelectualidade francesa do século XX, Sartre foi um crítico incisivo do Estado burguês e de suas políticas imperialistas e colonialistas. Ademais, era um autêntico pacifista, posicionando-se firmemente contra conflitos bélicos de qualquer natureza. Ligado visceralmente ao existencialismo, movimento filosófico, literário e cultural que esteve em voga entre as décadas de 1930 e 1960, período áureo em que o nome de Sartre se tornou conhecido mundialmente, destacando-o como um escritor multifacetado e intelectual de renomada relevância.

Nesse sentido, para ilustrar a transição de Sartre de escritor literário a grande intelectual de seu tempo, escolhemos o período histórico do Entre Guerras (1918-1939) e da Segunda Guerra (1939-1945). Usamos como marco a publicação de *A náusea* (1938), uma obra dramática que retrata a consciência solitária, a sensação do vazio e a perda de sentido existencial de Antoine de Roquentin. Esse trabalho colocou o jovem Sartre em evidência na literatura francesa e europeia.

No entanto, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial no dia 1º de setembro de 1939, ele foi convocado para se alistar e, em pouco tempo, se tornou prisioneiro dos alemães – entre julho de 1940 e abril de 1941 –, experimentando a sombria e dramática realidade de um mundo lúgubre e sem liberdade, um mundo onde as liberdades

individuais foram sequestradas pelas máquinas bélicas dos Estados. Nesse período, os diversos aspectos da vida cotidiana foram limitados pelas situações extremas de censura, perda de direitos individuais e coletivos, mobilização forçada, opressão, tragédias e conflitos que ceifaram entre 60 e 85 milhões de pessoas.

Em resumo, as imposições do Estado burguês subjugarão a liberdade individual. Durante nesse período, Sartre se dedica a registrar obstinadamente as suas impressões sobre a guerra, argumentando que as justificativas morais para apoiar atos belicosos que resultam em assassinatos não podem, em hipótese alguma, ser aceitas. Ele também levanta questões sobre como a política da guerra tem evoluído ao longo da história humana, provocando um processo de sublimação e destruição de valores e significados que sustentam a sociedade e o próprio Estado como elo fundamental da formação social. Essas reflexões logo serão publicadas sob o título *O diário de uma guerra estranha* (1939).

Na obra citada, Sartre destaca uma dupla dimensão ambígua no tratamento dado ao homem no contexto da guerra: como máquina e como cerimônia. No primeiro caso, o homem é um apenas soldado improdutivo, pois todo o seu esforço é em vão e seu trabalho não possui valor, pois tanto seu corpo quanto sua consciência estão impregnados pela ideologia da submissão incondicional ao Estado. O mesmo se aplica ao homem cerimonioso que se apega a certos rituais voltados à representação do controle como, por exemplo, bater continência, cantar músicas ou dançar de forma que efetive um caráter de aprisionamento da mente em favor da máquina de guerra. Ambas as circunstâncias levam à submissão do indivíduo resultando na perda de qualquer dignidade, no aprofundamento de uma solidão sem afastamento, na desvalorização dos projetos humanos, em suma, na desumanização tanto individual quanto coletiva. Isso gera um mundo reprimido, caracterizado pela idolatria, pelo fanatismo e pelo

fatalismo, um mundo sem cumplicidade, solidariedade e camaradagem.

A significativa mudança de paradigma em Sartre acontece após a sua libertação por meio de um suposto atestado médico falso. Nesse momento, no retorno a Paris, ele passa de um escritor de literatura preocupado em desvelar a falta de sentido da existência do homem sem Deus e, por outro lado, a não demonstrar nenhum interesse no posicionamento político e social por meios de seus personagens, para denunciar o uso político da guerra e reafirmar a força de sua tese central: a liberdade. A obra que de fato inaugura o empreendimento da liberdade é *O ser e o nada* (1943). Em seguida, o teatro de *As moscas* (1943) e *Entre quatro Paredes* (1944), além da tríade *A idade da razão* (1945), *Sursis* (1947) e *Com a morte na alma* (1949), que integram “Os caminhos da liberdade”. Nessas obras, os personagens transitam de uma completa alienação política, como ocorre com Roquentin, para um engajamento pleno nos diversos e fervorosos movimentos políticos de sua época, como fazem Mathieu, Brunet e Boris. Cada um desempenha um papel na formação do intelectual engajado, que vai desde a aceitação crítica das convicções políticas, até o ativista dedicado à causa do povo.

De fato, Sartre retrata-se nos personagens por meio de sua perspectiva de ativista político. Podemos mencionar, por exemplo, a sua atuação na Resistência Francesa ao fundar o grupo *Socialismo e Liberdade* com a finalidade de libertar Paris, que estava sob ocupação nazista alemã. Além disso, durante esse mesmo período, coeditou em parceria com Albert Camus o jornal clandestino *Combat*, no qual denunciava a depravação moral dos alemães e a difícil situação do povo francês. No teatro, produziu uma notável representação do mito de Orestes em *As moscas* (1943), obra que satiriza e critica os invasores e os colaboracionistas franceses. Finalmente, escreveu o ensaio intitulado *A República do silêncio* (1944), que expõe o paradoxo da liberdade em face do aprisionamento e exorta o povo francês a lutar clandestino.

tinamente contra a opressão e a reagir ao silêncio imposto pela ocupação. Posteriormente, continuou a fortalecer o engajamento como ato de resistência, apoiando tacitamente a autonomia e independência do povo argelino do domínio francês (1954-1962). Por último, é importante recordar a sua destacada atuação na mediação do Tribunal Russell (1966), que colocou os EUA no banco dos réus para avaliar e julgar as cruéis práticas políticas e imperialistas como os crimes perpetrados no Vietnã.

Portanto, ao ser considerado o pensador que concebeu tão bem uma noção revolucionária da liberdade, afastando-a de qualquer pretensão idealista e colocando-a no campo concreto da ação humana, ele também se tornou um defensor intransigente dos países que sofreram prejuízos civilizatórios durante os processos criminosos de colonização. Nesse cenário, ao trazer o pensamento de Sartre para os dias atuais, evidenciamos que ele permanece sendo um autor indispensável e frequentemente revisitado. Na era digital em que as formas de comunicação transformaram significativamente o alcance da informação, busca-se regular juridicamente as redes sociais enquanto se questiona como exercemos a liberdade e a responsabilidade em nossas ações. Além disso, surge a questão de como podemos nos engajar em um mundo onde o que escrevemos digitalmente alcança rapidamente outros possíveis interlocutores, superando a simples presença da comunicação interpessoal.

Assim, a melhor maneira de discutir o contributo de Sartre é continuar revisitando suas obras e demonstrar como suas ideias ainda nos inspiram e nos convocam a nos mantermos envolvidos nas transformações que o nosso mundo enfrenta. Sartre é um autor multifacetado que retrata com maestria a ambiguidade humana, sem receio de enfrentar o olhar crítico e autocrítico. Afinal, qual o papel e o destino do intelectual contemporâneo?

Para concluir, expressamos nossa gratidão ao editor da revista, Renato Moscateli, pela disponibilidade e suporte à publicação, assim

como aos pesquisadores que se prontificaram a compartilhar suas produções, renovando o entusiasmo com que as pesquisas sobre Sartre têm sido conduzidas no Brasil ao longo dos anos. Também somos gratos ao GT de Filosofia Francesa Contemporânea (ANPOF), em particular, pelas contribuições relacionadas à filosofia sartriana. Ainda no âmbito dos agradecimentos, gostaríamos de ressaltar o relevante trabalho realizado pelo Grupo de Estudos Sartre (GES-UECE) ao longo de mais de duas décadas, sob a liderança de Eliana Paiva, Carlos Henrique Carvalho Silva e Rita Bittencourt, que juntamente com Deise Quintiliano (UERJ) organizaram o XV Seminário Internacional do GES com o tema “Sartre 120 anos”, garantindo que essa celebração tivesse um papel crucial nas discussões sobre o legado do pensamento sartriano.

A todos e a todas, uma excelente leitura!

Cordialmente.

Carlos Henrique Carvalho Silva¹ e Luciano Donizetti da Silva²

¹ É professor na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Parnaíba, Piauí, Brasil. E-mail: chcarvalho@phb.uespi.br.

² É professor na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. E-mail: donizetti.silva@ufjf.br.